

## Fascismo: desafio para a política feminista

---

Guacira Oliveira e Carmen Silva

Na ciência política, os estudos e definições sobre o fascismo se referenciam no fascismo italiano e no nazismo alemão, da primeira metade do século passado. O fascismo é uma forma política complexa e, desde a perspectiva feminista, buscamos compreender os elementos que se apoiam mutuamente para sustentar esse projeto ideológico (valores, moral, princípios) e de dominação.

Os fascistas cultivam a ideia de que a sociedade está à beira de uma catástrofe para mobilizar as massas em torno de uma solução autoritária e conservadora. Alimentam o pânico social para favorecer o clamor popular pela mão-forte do governo, autoriza a deposição da força popular em prol de uma liderança carismática. É a colonização do desejo anti-institucional pela própria ordem, como afirma Wladimir Safatle.

Os regimes fascistas valorizam a violência como elemento criativo e regenerador do corpo político. Defendem a eliminação de partidos políticos dissidentes; promovem o terror policial organizado pelo Estado contra todos aqueles sujeitos (individual ou coletivo) vistos como inimigos do regime; projetam o imaginário de uma ideia de identidade nacional sem fissuras, mobilizam a sociedade civil em torno da unidade mística da nação, construindo a nacionalidade sobre a base de valores xenófobos, etnocêntricos e racistas.

Hitler, no século passado, acenou para os alemães arianos (brancos, de raça pura), com uma nação purificada e grandiosa, fundada em um nacionalismo expansionista, estatista. Bolsonaro, por sua vez, brandiu “Deus acima de todos, Brasil acima de tudo”, mas, diferentemente de Hitler, propõe um entreguismo privatizante, ultraneoliberal e a submissão do Brasil ao império estadunidense, sob a guarda de Trump.

O medo é uma emoção absolutamente indispensável ao fascismo. A mobilização do medo captura corações e mentes em prol da preservação da ordem patriarcal, racista, capitalista, heteronormativa, etnocêntrica.

O enaltecimento da família patriarcal heterossexual e monogâmica e, conseqüentemente, a sujeição das mulheres às atribuições que o patriarcado lhes impõe no âmbito doméstico (sempre diferenciadamente, respeitando as hierarquias raciais e étnicas), é um elemento basilar da ordem fascista.

A liberdade sexual, a subversão e a desconstrução das hierarquias de gênero, dos papéis e atribuições determinados para cada sexo são vistos como desagregadores, promotores da desordem e do caos e, por isso mesmo, precisam ser severamente reprimidos.

A ameaça à ordem sexual conservadora gera muito medo. O fundamentalismo religioso, por isso mesmo, é altamente compatível com o fascismo social. Para não correr o risco do pecado, da culpa, do castigo, da condenação ao sofrimento eterno, a repressão e a violência são recursos sempre bem-vindos, para preservar a ordem e os bons costumes patriarcais, racistas, xenófobos, lgbtfóbicos, eugenistas.

O medo da mudança (nas relações sociais de dominação/subordinação e de exploração), da transformação e do desconhecido geram, nas pessoas que o vivem, paralisia, aversão ao movimento, estagnação. Deslocar-se, sair do lugar de sempre, relacionar-se com as pessoas e com o mundo a partir de outro lugar pode produzir insegurança, desconforto, desequilíbrio. É arriscado e, muitas vezes, o incômodo cresce tanto que se transforma em pânico. Assim, a resistência à mudança se impõe, mesmo quando a permanência é insatisfatória, afinal a insatisfação pode ser uma velha conhecida, já controlada, e a mudança leva ao novo, que nunca se tem certeza de como será.

Quando o medo se impõe, o desejo de proteção é enorme. E para supri-lo, a pessoa que está sentindo medo mobiliza suas defesas internas e demanda forças externas para proteger-se. O recurso à violência engatilha-se rapidamente. A violência fica autorizada, seja nas relações interpessoais, institucionais, nos espaços públicos, nos meios de comunicação, ou na intimidade para proteger a ordem.

O Estado autoritário, as instituições religiosas conservadoras, o patriarcado, os donos de gado (e de gente!) estão autorizados a reprimir e punir para evitar a desobediência à ordem, prevenir o caos, livrar as pessoas da sensação de impotência, eliminar o que seja novo, libertário, proibido, desconhecido, estrangeiro, pecaminoso.

O Estado fascista é paranoico, militarista, belicoso, tanto no que se refere ao inimigo externo (terrorista nas fronteiras), quanto no que diz respeito à criminalização do aborto, ou nos tempos atuais, em relação à escola sem partido, à “ideologia de gênero” e à “cura gay”.

Não há respeito à diferença, nem tolerância, muito menos solidariedade quando o fascismo prevalece. Como destaca Wladimir Safatle, impera a insensibilidade absoluta em relação à violência com classes vulneráveis e historicamente marcadas pela opressão. Para Safatle:

É a implosão da possibilidade de solidariedade genérica. Essa insensibilidade expressa o desejo inconfesso de que as estruturas de visibilidade da vida social não sejam transformadas. Porque toda política é uma questão de circuitos de afetos e estruturas de visibilidade. Trata-se de definir o que pode nos afetar, com qual intensidade, através de qual velocidade. E, para tanto, há de se gerir a gramática do visível, a forma com que as existências são reconhecidas. Na vida social, ser reconhecido é existir. O que não é reconhecido não existe. Mas ser reconhecido não significa apenas uma reconhecimento do que já existia. Todo reconhecimento exige que aquele que reconhece mude também, porque ele passa a habitar um mundo com corpos que antes não o afetavam. E isso é o que aparece para alguns como insuportável.

Wilhelm Reich, em “Psicologia de Massas do Fascismo”, afirma que a posição político-ideológica de uma pessoa (ou coletividade) é a expressão racional das suas emoções, que nem sempre são conscientes, mas são sentidas no próprio corpo. Assim, o corpo e as emoções estão no centro da vida política, seja libertária ou fascista, para emancipar ou para reprimir.

No contexto do fascismo, o medo é o afeto político central e, por conseguinte, o culto à violência é uma das suas grandes marcas, como destaca Wladimir Safatle:

(...) Trata-se de acreditar que a impotência da vida ordinária e da espoliação será vencida através da força individual daqueles que enfim teriam o direito de sair armado, sair às ruas de camisas negras (no Brasil, amarelas), falar o quiser sem se preocupar com o que chamam de ditadura do politicamente correto. O fascismo, nesse sentido, oferece uma forma de liberdade. O fascismo sempre se construiu a partir da vampirização da revolta. (...) Mas essa liberdade se transforma em liberação de violência por aqueles que já não aguentam mais ser violentados. (...) É a desordem com a fantasia da ordem. É o governo forte que me

permite esfoliar refugiado, atirar em comunista, falar para uma mulher “eu só não te estupro porque você não merece”, brutalizar toda e qualquer relação social. Esse vai ser sempre um dos piores efeitos de um governo fascista: criar uma sociedade à sua imagem e semelhança. Como lembra Freud, não são exatamente os povos que criam seus governos, mas os governos que criam seus povos.

Esta ideia expressa, de alguma forma, a situação que vivemos no Brasil hoje. Os governos de esquerda, apesar de suas realizações, se perderam na política conciliatória de classes e no desenvolvimentismo. Dialogaram com o sindicalismo e com as lutas do campo, mas não alargaram a ação para absorver as necessidades dos vários sujeitos políticos. Também não foram capazes de impulsionar um diálogo fecundo com os diversos movimentos sociais e impulsionar uma nova cultura política.

A eleição de Jair Bolsonaro e todo o ambiente político-cultural criado, apresenta vários indicativos da re-edição da perspectiva fascista. Este é um fenômeno que se articula com a ascensão da direita no mundo todo, nesta nova fase do sistema capitalista. Este momento do capitalismo está sendo construído com a tentativa de apropriação total dos “bens” comuns da humanidade, naturais e culturais, e com a posse não apenas da força de trabalho, mas dos corpos trabalhadores, em condições completamente desprotegidas socialmente. Para isso, politicamente, a economia deve ser reorganizada em termos ultraneoliberais, ou seja, sem quaisquer garantias de proteção social do Estado para os cidadãos e cidadãs, e com total fomento e segurança para a acumulação capitalista.

No caso brasileiro há, ainda, outras associações igualmente nefastas. O fascismo aqui se apresenta imbricado com o fundamentalismo religioso, majoritariamente neopentecostal. Várias forças político-religiosas manipulam as necessidades espirituais da população e as subordinam aos ditames do seu conservadorismo. Neste momento, isso é feito, resguardado pelo aparato militar e do poder judiciário, e utilizando como instrumento fundamental a comunicação via redes sociais. Valendo-se dos mecanismos tecnológicos de captura de informações pessoais, organização de grupos de perfis, conseguem fazer disparos massivos de mensagens específicas e falseamento de informações. Com isso as forças dominantes tentam capturar e manipular as subjetividades populares e de classe média em torno dos seus ideais conservadores, a fim de ampliar o seu próprio poder. Este é um desafio para o movimento feminista.

Tatiana Roque avalia que ninguém melhor do que Wilhelm Reich, há 80 anos atrás, traçou caminhos para entender a psicologia das massas que aderiram ao nazismo na Alemanha. E certamente, ainda nos serve de lição. Reich disse que:

(...) a derrota da socialdemocracia para o nazismo teria sido fruto do distanciamento da direção revolucionária do cotidiano da vida das massas. Ou seja, o sectarismo político dos revolucionários e sua incapacidade de conquistar as massas abriu terreno para os nazistas manipularem a seu favor os anseios e as necessidades de boa parte da população alemã.

Apesar de estarmos relendo essas notas tantos anos depois que Reich as escreveu, parece inegável a atualidade da sua reflexão. As fronteiras que separam o pessoal do político, a emoção da razão, o corpo do espírito, a natureza da sociedade são obstáculos poderosos contra os processos de transformação social que o feminismo se esforça para mobilizar. Neste sentido, para finalizar, resgatamos a conclusão do artigo atualíssimo de Tatiana Roque:

É enorme a impotência da esquerda organizada para criar políticas que impliquem processos de subjetivação e que tragam um sentido de pertencimento ao enorme contingente de pessoas que abordei aqui. O trabalho já foi um modo de dar sentido à vida,

mas não tem sido assim nos últimos tempos. Há questões estruturais e conjunturais para isso. Mas é preciso tomar a sério os modos de existência como sendo parte essencial da política. É extremamente libertador e tranquilizante perceber que nossas angústias não são só nossas, que as dificuldades que experimentamos socialmente não são por nossa culpa. Nós, mulheres, estamos conseguindo isso. Se o conjunto da esquerda quiser, podemos ajudar.

**A partir das leituras de:**

Vladimir Safatle. **O que é o fascismo?** <https://revistacult.uol.com.br/home/o-que-e-fascismo/> publicado em 22/10/18.

André Valente de Barros Barreto. **Corpo, poder e resistência:** o diálogo possível entre Foucault e Reich. Instituto Sedes Sapientiae

Rosane Pavan. **Para entender o fascismo.** <https://outraspalavras.net/outrasmidias/para-entender-o-fascismo/>

Rafael Viana. **Quais são as possibilidades do fascismo no Brasil hoje?** [https://www.huffpostbrasil.com/rafael-viana/quais-sao-as-possibilidade\\_b\\_12975996.html](https://www.huffpostbrasil.com/rafael-viana/quais-sao-as-possibilidade_b_12975996.html) .  
Publicado em 17/11/2016

Wilhelm Reich. **Psicologia de massas do fascismo.**

Tatiana Roque. **A revolta da zona cinza.** #ElasSim. [https://issuu.com/n-1publications/docs/cordel\\_elasim\\_issuu](https://issuu.com/n-1publications/docs/cordel_elasim_issuu)